Revista Diversidade e Educação

EXPLORANDO FRONTEIRAS: UMA ANÁLISE DO ESTADO DA ARTE SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

EXPLORANDO FRONTERAS: UN ANÁLISIS DEL ESTADO DEL ARTE SOBRE EDUCACIÓN SEXUAL

EXPLORING FRONTIERS: AN ANALYSIS OF THE STATE OF THE ART ON SEXUAL EDUCATION

Uanderson da Silva Lima[1]

Morgana Domênica Hattge[2]

RESUMO

Através da análise no campo da Educação Sexual e da proposta de pesquisa do Mestrado em Ensino da Univates emergiu este estado da arte. O objetivo foi verificar as produções acadêmicas sobre o tema entre 2018 e 2022. Foram selecionadas quatro dissertações, duas teses e seis artigos científicos através dos descritores "Educação Sexual", "Ensino", "Currículo" e "Práticas Pedagógicas". A análise das pesquisas revelou que, frequentemente, a abordagem da Educação Sexual nas escolas é, predominantemente, com o discurso pautado no viés biológico, limitando-se a disciplinas como Ciências e Biologia e focando em tópicos como órgãos reprodutores, IST's e métodos contraceptivos. Esse enfoque restrito sugere a necessidade de práticas mais amplas na Educação Sexual, envolvendo um currículo que contempla todos os temas essenciais, propostos pela Unesco (2014) para que as/xs/os estudantes possam se tornar críticas/xs/os e protagonistas no seu desenvolvimento pessoal e educacional, compreendendo a complexidade da realidade em que estão inseridas/xs/os.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; Currículo; Discurso; Críticas/xs/os.

RESUMEN

A través del análisis en el campo de la Educación Sexual y de la propuesta de investigación del Máster en Enseñanza de la Univates, surgió este estado del arte. El objetivo fue verificar las producciones académicas sobre el tema entre 2018 y 2022. Se seleccionaron cuatro disertaciones, dos tesis y seis artículos científicos utilizando los descriptores "Educación Sexual", "Enseñanza", "Currículo" y "Prácticas Pedagógicas". El análisis de las investigaciones reveló que, frecuentemente, el enfoque de la Educación

[1] Mestre em Ensino (PPGEnsino). Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, Brasil.

[2] Doutora em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil.

(cc) BY-NC-SA

Sexual en las escuelas se basa predominantemente en un discurso con sesgo biológico, limitándose a asignaturas como Ciencias y Biología, y centrado en temas como órganos reproductores, ITS y métodos anticonceptivos. Este enfoque restringido sugiere la necesidad de prácticas más amplias en la Educación Sexual, que incluyan un currículo que abarque todos los temas esenciales propuestos por la Unesco (2014) para que les/las/los estudiantes puedan convertirse en sujetos críticos y protagonistas de su desarrollo personal y educativo, comprendiendo la complejidad de la realidad en la que están inmersos/as/es.
PALABRAS-CLAVE: Educación Sexual; Currículo; Discurso; Críticas/os/es.

ABSTRACT
Through analysis in the field of Sexual Education and the proposed Master's research in Teaching at Univates, this state of the art emerged. The objective was to examine academic productions on the subject from 2018 to 2022. Four dissertations, two theses, and six scientific articles were selected using the descriptors "Sexual Education," "Teaching," "Curriculum," and "Pedagogical Practices." The analysis of the research revealed that the approach to Sexual Education in schools is often predominantly framed by a biological discourse, limited to subjects such as Science and Biology, and focusing on topics like reproductive organs, STIs, and contraceptive methods. This restricted focus suggests the need for broader practices in Sexual Education, involving a curriculum that encompasses all essential themes proposed by Unesco (2014) so that students can become critical thinkers and active participants in their personal and educational development, understanding the complexity of the reality in which they are embedded.
KEYWORDS: Sexual Education; Curriculum; Discourse; Critical Perspectives.

***

Introdução

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar
Paulo Freire (2000, p. 155)

Através desse discurso, do grandioso mestre Paulo Freire, iniciou-se o percurso de pesquisa no Mestrado em Ensino (PPGEnsino) da Universidade do Vale do Taquari – Univates e no grupo de pesquisa "Currículo, Espaço, Movimento" (CEM), centrado no campo do ensino e das práticas pedagógicas, com o intuito de problematizar os desafios em torno da Educação Sexual na escola. Trata-se de um trabalho delicado e espinhoso, porém necessário nos dias atuais. Muitas/xs/os[3] professoras/xs/es sentem receio em

[3] As palavras que escolhemos para nos dirigir às pessoas têm uma intencionalidade, assim, utilizar sempre o pronome masculino para apontar um grupo é silenciar outras pessoas, com gêneros e sexualidades "desviantes" da tida como o "normal". É preciso ressignificar esse pensamento, essa distorção entre o que é tido como aceitável e do que é desagradável para a sociedade. Um passo importante para essa ressignificação é o uso do "X" nas palavras, pois "[...] do ponto de vista linguístico e gramatical, é uma forma de usar uma linguagem escrita que expresse maior igualdade entre homens e mulheres. [...] O uso do

(cc) BY-NC-SA

abordar esses temas em sala de aula devido à falta de formação, tabus enraizados, preconceitos e preocupações com a aceitação das famílias, o conservadorismo, entre outros fatores.

Nesse sentido, surge esta pesquisa com o objetivo de verificar as produções acadêmicas referentes à Educação Sexual, identificando as temáticas e os métodos adotados em cada trabalho. Para isso, foram consultadas dissertações e teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e artigos científicos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), publicados entre 2018 e 2022.

Desta forma, as produções foram delimitadas, a partir dos termos "Educação Sexual", "Ensino", "Currículo" e "Práticas pedagógicas", a quatro dissertações, duas teses e seis artigos científicos, selecionados com base na leitura dos resumos e na congruência com os objetivos da pesquisa, intitulada: "Teias do discurso: explorando a relação entre as propostas pedagógicas do currículo mato-grossense e a Educação em Sexualidade".

Dos discursos sobre Educação Sexual em Dissertações e Teses

Inicialmente, foi pesquisado o termo "Educação Sexual", obtendo-se 2.769 dissertações ou teses, sendo 2.084 dissertações e 685 teses. Em seguida, refinou-se a busca pelo ano de defesa, de 2018 a 2022, o que resultou em 862 trabalhos acadêmicos, dos quais 661 eram dissertações e 201 teses. No entanto, essa quantidade ainda era exorbitante. Dessa forma, acrescentou-se o termo "Ensino", reduzindo o número de pesquisas para 369, sendo 297 de Mestrado e 72 de Doutorado. Após essa busca, adicionou-se o conceito de "Currículo", obtendo-se 102 trabalhos, 79 dissertações e 23

"X" é uma tentativa de, no âmbito da escrita, tornar a língua mais democrática" (José Sepulveda; Denize Sepulveda, 2016, p. 141), tendo em vista que a nossa língua é machista e excludente. Para aquelas/xs/es que possam se questionar, com essa utilização, se teriam alguma exclusão de determinadas pessoas – como por exemplo: pessoas com dislexia, em processo de alfabetização e Pessoas com Deficiência Visual, pensando nessa perspectiva, em todas as palavras que definem um gênero adotarei a seguinte regra: em primeiro lugar, será utilizada palavras no gênero feminino, por entender as diversas exclusões que as mulheres sofreram historicamente e ainda sofrem diariamente; em segundo lugar, palavras com a utilização da desinência X, pensando nas pessoas não-binárias que não se identificam como mulher ou homem, por entender que essxs são excluídxs do cenário de discussões e diálogos contínuos na sociedade. Além dessxs, há também outras Identidades, Gêneros e Sexualidades que não se enquadram nos conceitos de mulher ou homem, como: Agênero, Bigênero, Demigênero, Gênero fluido, Queer e Dois-espíritos (Blair Imani, 2023); em terceiro lugar, palavras que representam o gênero masculino, por entender que esses foram e ainda são privilegiados na sociedade.

(cc) BY-NC-SA

teses, respectivamente. Para finalizar a pesquisa, inseriu-se o conceito de "Práticas Pedagógicas", o que reduziu o número para 30 dissertações ou teses, sendo 24 dissertações e 6 teses. Assim, foram delimitados, através da leitura dos resumos e da congruência com os objetivos da pesquisa, em 06 trabalhos, sendo 04 dissertações e 02 teses. Segue uma tabela descrevendo-os e, logo em seguida, as reflexões obtidas através da leitura.

Quadro 01 - Teses e Dissertações sobre Educação Sexual na escola

Categoria:	Título:	Autores:	Ano:	Instituição:
Dissertações	Gênero e sexualidade como dimensões da formação humana na Escola Estadual do Campo, José Martí, Assentamento Oito de Abril Jardim Alegre – PR	Luciane Olegario da Silva	2019	Universidade Federal do Paraná – UFPR
	Abordagem da sexualidade no ensino de biologia: interfaces entre relações de gênero e literatura	Tayse de Souto Silva	2019	Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
	Educação sexual na formação docente em ciências biológicas: um estudo de caso	Giovanna Lopes Rey Peinado	2020	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
	Web seminários sobre educação sexual como proposta pedagógica para a formação inicial e continuada de professores	Evelize Bordinhão Costa	2021	Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
Tese	Educação sexual "além do biológico": problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia	Elaine de Jesus Souza	2018	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
	A educação sexual nos documentos curriculares e na perspectiva de professores do ensino fundamental	Luciane da Silva Vicente	2021	Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Elaboração: Do autor, 2023. **Fonte:** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em 27 de fev. e 17 de mar. de 2023.

Luciane Silva (2019), em sua pesquisa sobre a formação humana em gênero e sexualidade, objetivou verificar como esses temas são desenvolvidos e entendidos pelas/xs/os profissionais da educação de uma escola do campo, localizada em um assentamento no Município de Jardim Alegre, Paraná. A pesquisadora percebeu a necessidade de observar como as questões relacionadas aos temas da pesquisa eram desenvolvidas em uma escola do campo, considerando que essa instituição tem "[...] a

(cc) BY-NC-SA

função de ensinar, formando sujeitos críticos, livres de preconceito ou de qualquer tipo de discriminação" (L. Silva, 2019, p. 08).

A pesquisa desenvolvida foi qualitativa, utilizando análise bibliográfica e experiências do cotidiano sobre os temas em questão, tendo como método de investigação o estudo de caso. Para essa investigação, L. Silva (2019) utilizou como método de coleta de dados "[...] a observação participante, entrevistas e dois grupos focais" (L. Silva, 2019, p. 08). Participaram desta pesquisa profissionais da educação (professoras/xs/es, profissionais da pedagogia e da direção) e estudantes, totalizando 38 indivíduas/xs/os, sendo 18 profissionais e 20 estudantes.

Como resultado dessa investigação, as/xs/os participantes entendem gênero como "[...] uma concepção binária, vinculada ao sistema patriarcal e aos papéis de gênero [...]" (L. Silva, 2019, p. 08). Assim, o discurso proferido oralmente, através de gestos, atitudes e nos documentos, pode influenciar essa percepção. Desse modo, conforme Guacira Louro (2013), a heteronormatividade é estabelecida como o normal, o aceitável para viver em sociedade, sendo esse pensamento o que precisamos ressignificar.

As/xs/os participantes percebem a sexualidade como corpo/ser biológico, com a finalidade de reprodução (L. Silva, 2019). Dessa forma, entendem que a abordagem desses assuntos pode ser restrita à disciplina de Ciências e/ou Biologia, tratando-se apenas de conteúdos disciplinares menos espinhosos, como órgãos reprodutores masculinos e femininos, IST e métodos contraceptivos. A possibilidade de uma Educação Sexual emancipatória seria colocar a/x/o estudante como protagonista da aprendizagem, com um diálogo aberto e sensível, uma escuta acolhedora e respeitosa, entre outras possibilidades. Assim, todas/xs/os as/xs/os participantes devem adotar uma postura de, como bem apontado por Paulo Ribeiro (2013, p. 13), "[...] respeito a si próprio e ao outro".

L. Silva (2019) discorre sobre a formação humana em gênero e sexualidade, enquanto Tayse Silva (2019) apresenta, em sua dissertação, um experimento didático sobre literatura e sexualidade. Esse diálogo não abordou somente a Educação Sexual como sendo um discurso biologizante, tratando apenas como algo biológico, mas foi além, ao dialogar sobre questões de gênero e da diversidade sexual.

A pesquisa foi desenvolvida em "[...] duas turmas da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública do município de João Pessoa-PB" (T. Silva, 2019, p. 10) e teve dois objetivos: o primeiro, proporcionar às/xs/os educandas/xs/os a aquisição de conhecimentos pertinentes sobre as temáticas da pesquisa; e o segundo, propiciar

(cc) BY-NC-SA

às/xs/aos docentes práticas de Educação Sexual no ensino de Biologia, a partir da experiência didática.

Para consolidar os objetivos, T. Silva (2019) utilizou a pesquisa-ação/participante, coletando dados através de "[...] questionário semiestruturado, entrevistas, observação participante, gravações de voz e registros fotográficos" (T. Silva, 2019, p. 10). A partir da análise dos dados e da experiência pedagógica, a pesquisadora concluiu que os diálogos foram pertinentes, possibilitando uma conversa segura, na qual as/xs/os participantes puderam compartilhar vivências e suas compreensões sobre sexualidade. Ao final da pesquisa, T. Silva (2019) contribuiu com um novo sentido dado a essa temática, e é isso que busco com a minha pesquisa: proporcionar às/xs/aos participantes uma nova concepção sobre Educação Sexual na escola.

Giovanna Peinado (2020) buscou investigar a formação acadêmica das/xs/os licenciadas/xs/os em Ciências Biológicas, observando as dificuldades encontradas no dia a dia educacional, principalmente na perspectiva da Educação Sexual, que foi o centro da pesquisa. Peinado (2020) teve como objetivos:

> [...] investigar a formação de professores em diferentes momentos de formação em uma mesma Universidade; ouvir os professores falarem sobre suas práticas em sala de aula, seus conhecimentos centrais acerca da Educação Sexual; identificar as abordagens presentes em suas falas e, por fim, estabelecer relações entre sua formação e seu trabalho em sala de aula, além de investigar possíveis reestruturações no currículo da formação inicial que possam ter contribuído para que os profissionais recém-formados ou licenciandos em final de curso tenham mais segurança e conhecimentos mais amplos para que a Educação Sexual seja trabalhada sob uma perspectiva emancipatória e não exclusivamente biológica (Peinado, 2020, p. 07).

Assim, a pesquisadora buscou compreender a formação das/xs/os docentes das disciplinas de Ciências e Biologia, destacando que a abordagem da Educação Sexual no currículo de formação dessas/xs/es profissionais é frágil. Além disso, a autora enfatizou a importância da formação continuada na prática pedagógica da instituição de ensino, visto que é nesse espaço que podem ser abordados assuntos pertinentes à realidade da escola e, através de estudos e planejamentos, podem ressignificar as práticas pedagógicas em sala de aula.

Peinado (2020) utilizou entrevistas e outras ferramentas para que as/xs/os docentes respondessem sobre o conteúdo pesquisado. A análise dessas informações foi realizada por meio da "[...] Análise Textual Discursiva (ATD), tendo como referencial teórico o Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (PCK) e utilizando o Modelo Consensual Refinado para estabelecer relações entre a formação inicial e a prática em sala de aula" (Peinado, 2020, p. 07). Dessa forma, é perceptível a influência da formação na

(cc) BY-NC-SA

prática. Assim, é importante que haja formações continuadas pertinentes à realidade educacional e que abordem as problemáticas da instituição de ensino. É preciso, portanto, uma formação que trate de identidades, gêneros, sexualidades e Educação Sexual na escola, a fim de contribuir para as diversas áreas dessa temática e, principalmente, para a emancipação dos sujeitos, e não com um discurso puramente biológico.

Nesse sentido, vale destacar a experiência de Márcio Oliveira e Eliane Maio (2019) com a oferta de um curso sobre educação com enfoque em gênero e diversidade sexual. Este curso foi proposto "em um momento em que a 'ideologia de gênero' assombra os espaços escolares (e demais espaços sociais), faz-se necessário discutir e desmistificar temas ainda pouco conhecidos por grande parte da sociedade" (Oliveira; Maio, 2019, p. 15-16). Talvez ainda haja pessoas que não tenham esse entendimento sobre identidades, gêneros, sexualidades e Educação Sexual, devido à ausência desses temas em sua infância e adolescência. Por isso, torna-se necessário que nossas escolas comecem a abordar a Educação Sexual, pois, através dela, ocorrerá a socialização do "[...] conhecimento construído cientificamente acerca de questões voltadas à Educação, ao Gênero e à Sexualidade" (Oliveira; Maio, 2019, p. 16), como bem disposto pelos autores supracitados.

O curso contribuiu para a ressignificação de tabus, "o fato de um participante perceber que as condições que lhe foram impostas durante a sua formação eram de desrespeito às diferenças e que, por meio do curso, enquanto futuro docente, ele realizará práticas de combate a esse desrespeito" (Oliveira; Maio, 2019, p. 17). Essa ressignificação de conceitos e percepções é um dos objetivos desta pesquisa, que visa incentivar educadoras/xs/es a questionarem e dialogarem sobre mudanças na educação e, possivelmente, na abordagem da sexualidade na escola.

Evelize Costa (2021), em sua pesquisa, evidenciou que os documentos nacionais orientam o currículo escolar para um trabalho transversal dos temas gênero, sexualidades e Educação Sexual. No entanto, essa prática não acontece, e esses temas são abordados principalmente na disciplina de Ciências, muitas vezes restringindo-se a temas como IST, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. Isso pode ocorrer devido ao despreparo das/xs/os docentes em relação ao assunto e, muitas vezes, ao receio de como será a aceitação das famílias das/xs/os estudantes com essa abordagem. Essa insuficiência, conforme a autora, deve-se à falta de formação acadêmica e continuada.

A pesquisa teve como objetivo geral "[...] avaliar as contribuições de Web Seminários sobre Educação Sexual para a formação inicial de professores de Ciências"

(cc) BY-NC-SA

(Costa, 2021, p. 06). É perceptível que os temas abordados nesta e nas demais pesquisas anteriores estão direcionadas às disciplinas de Ciências e Biologia, como se as demais disciplinas do currículo escolar não tivessem responsabilidade pela abordagem desses conteúdos. No entanto, todas também devem abordar esses temas de forma a desenvolver a criticidade das/xs/os adolescentes e jovens.

Para alcançar o objetivo geral, a autora utilizou a metodologia qualitativa, empregando a pesquisa bibliográfica e buscando a "[...] intervenção em um problema real observado" (Costa, 2021, p. 06). Dessa forma, a pesquisa analisou os planejamentos das/xs/os docentes que participaram do Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, entre os anos de 2013 e 2016. Essa verificação focou nos Anos Finais do Ensino Fundamental e na inserção da Educação Sexual nesse contexto.

A partir dessas observações, a pesquisadora organizou um Web Seminário sobre Educação Sexual na formação docente de profissionais de Ciências. Mais uma vez, houve um direcionamento a uma disciplina específica. Será que isso acontece por entenderem que a Educação Sexual deve ter um discurso exclusivamente biológico? Focado nos órgãos reprodutores? Nas IST? Nos métodos contraceptivos?

Nesse sentido, para problematizar melhor esses questionamentos, destaca-se os conceitos-chave apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco (2014) sobre Educação em Sexualidade.

Quadro 2 - Conceitos-chave e tópicos propostos de Educação em Sexualidade

CONCEITOS-CHAVE	TÓPICOS DE APRENDIZAGEM
1. Relacionamentos	• Família • Amizade, amor e relacionamentos • Respeito, tolerância e solidariedade • Namoro, casamento, união estável, filhos e relacionamentos eventuais
2. Valores, atitudes e habilidades	• Valores, atitudes e referências de aprendizado em sexualidade • Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual • Tomada de decisões • Habilidades de comunicação, recusa e negociação • Encontrar ajuda, apoio e orientação
3. Cultura, sociedade e direitos humanos	• Sexualidade, cultura e direitos humanos • Sexualidade e mídia • A construção social do gênero • Violência de gênero, abuso sexual e práticas prejudiciais

(cc) BY-NC-SA

4. Desenvolvimento humano	• Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva • Reprodução • Puberdade • Imagem corporal • Privacidade e integridade corporal
5. Comportamento sexual	• Sexo, sexualidade e o ciclo de vida sexual • Comportamento sexual
6. Saúde sexual e reprodutiva	• Saúde reprodutiva • Entender, reconhecer e reduzir o risco de DST, inclusive o HIV • Estigma, tratamento, assistência e apoio às pessoas vivendo com HIV e aids

Fonte: Unesco (2014, p. 17).

A partir desses conceitos, percebe-se que todas as disciplinas têm a possibilidade de abordar a Educação Sexual em sala de aula e fora dela, no ambiente educacional, de forma transversal. Todavia, há fatores que podem influenciar esse direcionamento, especialmente em função do despreparo das/xs/os professoras/xs/es, das concepções religiosas/fundamentalismo religioso, conservadorismo e preconceitos (Tatiane Lima, 2020).

Elaine Souza (2018) buscou investigar o entrelaçamento entre Educação Sexual e o currículo do curso de Biologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), analisando "[...] como discursos acerca de sexualidade e gênero atravessam a proposta de Educação Sexual desse currículo" (Souza, 2018, p. 08).

A autora desenvolveu, em sua pesquisa, a análise de documentos da instituição de ensino, três encontros com estudantes e recém-graduadas/xs/os em Biologia, além de entrevistas semiestruturadas com sete participantes dos encontros e outras/xs/os estudantes e formandas/xs/os do curso. Desse modo, a análise dos dados e informações seguiu a "[...] análise foucaultiana do discurso, que permitiu descrever os limites e as possibilidades da Educação Sexual incorporada nesse currículo" (Souza, 2018, p. 08). Assim, através do desenvolvimento da pesquisa, Souza (2018) constatou que "os ditos dos/as (futuros/as) biólogos/as anunciaram questionamentos, conflitualidades e contradições decorrentes de uma multiplicidade de discursos essencialistas, fundacionalistas e universalistas, que instituem binarismos e normatizações acerca dessas dimensões da vida" (Souza, 2018, p. 08).

Dessa forma, as reflexões produzidas nos encontros geraram novas perguntas e dúvidas sobre o tema da sexualidade. Ademais, é perceptivel que uma abordagem da binariedade como algo natural desqualifica quaisquer outras identidades, gêneros e

(cc) BY-NC-SA

sexualidades. Louro (2013, p. 46) discorre que, nessa perspectiva, "[...] haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico". Ou seja, impor uma normalidade para ser aceito em sociedade é algo cruel, que menospreza pessoas tidas como desviantes.

Assim sendo, a pesquisadora concluiu que é necessário transformar o conceito de Educação Sexual, partindo de uma abordagem mais global em vez de uma exclusivamente biológica, instigando "[...] múltiplos questionamentos e (des)aprendizados acerca dos regimes de verdade no campo da Biologia e distintos modos de produção e/ou manutenção de relações de poder que marcam sexualidade e gênero" (Souza, 2018, p. 08). É notório o quanto as relações de poder influenciam na Educação Sexual, principalmente quando pensada na perspectiva do ensino. Ribeiro (2013) aponta que "[...] há uma mobilização encabeçada pela bancada evangélica da Câmara dos Deputados" (Ribeiro, 2013, p. 10), em projetos apresentados sobre a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e outras), e sempre ocorre um movimento contrário em propostas de abordar a sexualidade na escola.

Luciane Vicente (2021), em sua tese, buscou analisar a Educação Sexual nos tempos atuais. A pesquisadora aponta que os temas de gênero, sexualidade e orientação sexual estavam presentes nas primeiras etapas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas foram removidos por influência da bancada conservadora do Congresso brasileiro. Assim, percebe-se a influência do discurso pautado em *"Deus, pátria e família"*, como se essa abordagem fosse destruir a inocência de nossas crianças e adolescentes. No entanto, sabe-se que esse discurso é uma falácia, considerando que esses assuntos são de extrema importância para o desenvolvimento saudável, pensado a partir do conhecimento científico.

Vicente (2021, p. 07) teve como objetivo geral de sua tese "[...] identificar, analisar e compreender as vertentes da educação sexual presentes nas narrativas de professores do ensino fundamental no atual contexto de disputas de narrativas e de discursos". Para alcançar esse objetivo, a pesquisadora utilizou a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas. E, para análise dos dados, buscou a "[...] articulação entre as técnicas de pesquisa qualitativa e a Análise do Discurso" (Vicente, 2021, p. 07).

(cc) BY-NC-SA

Ao analisar as entrevistas, a pesquisadora (2021, p. 07) compreendeu que:

> [...] há diferentes concepções de educação sexual entre os professores entrevistados, que tais compreensões são influenciadas pelos valores que compõem a cultura sexual de determinada época, em diferentes contextos e por distintas ideologias que se apregoam nas mais diversas redes de interações sociais.

É notório esse achado, pois há uma variedade de influências no pensamento sobre a Educação Sexual na escola, desde o preconceito com essa temática até influências religiosas, com o discurso de que abordar esse assunto irá tirar a inocência das crianças e adolescentes. No entanto, sabe-se que esse argumento é falso, pois, através de atividades e/ou momentos que abordem esse assunto, crianças e/ou adolescentes podem se sentir seguras/xs/os para contar que já sofreram ou sofrem com esse tipo de violência. Conforme a reportagem do G1[4], de 22 de maio de 2022, foi a partir de uma palestra sobre violência sexual que dez estudantes denunciaram que sofriam essa barbaridade por indivíduos próximos à família.

Percebe-se que a Educação Sexual tratada aqui foi pontual, mas esses momentos devem ser abordados apenas em determinadas datas e/ou temas? Não, não devem ser somente assim. É preciso um trabalho diário e contínuo, pois, como bem destaca Jimena Furlani (2013, p. 69-70):

> Uma continuidade baseada em princípios claros de um processo permanente – porque o bombardeamento midiático de informações recebidas por crianças e jovens é permanente... porque as situações de exclusão social, decorrentes do sexismo e da homofobia, são constantes... porque as representações hegemônicas que hierarquizam as diferenças estão permanentemente sendo fixadas mesmo com permanentes resistências... porque a subjetivação da sexualidade [...] está sendo permanentemente posta em questão pelos aparatos discursivos de uma cultura e precisa ter o contraponto reflexivo de uma educação sexual sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada na crítica desses modelos de desigualdade sexual, de gênero, de etnia, de raça, de geração, de classe, de religião, etc.

Essa enxurrada de informações muitas vezes é recebida e tida como verdadeira, o que pode ocasionar diversos tipos de preconceitos relacionados aos gêneros e às sexualidades. Assim, é importante que as famílias conversem com as/xs/os filhas/xs/os sobre os assuntos abordados nos meios digitais. Mas, claro, que seja um diálogo aberto,

[4] AMOURY, Jamyle; MORAIS, Adriel. Dez alunos denunciam abusos no ambiente familiar após assistirem a palestras sobre violência sexual em escola. **G1 Goiás e TV Anhanguera.** 22/05/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/05/22/alunos-denunciam-abuso-sexual-apos-assistirem-palestras-sobre-o-assunto-em-escolas-de-campo-limpo-de-goias.ghtml>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

(cc) BY-NC-SA

sem preconceito e que não o desenvolva. No entanto, infelizmente, isso não é uma realidade em muitas famílias. O medo, receio e insegurança em conversar com as crianças e adolescentes bloqueia muitas mães, pais e responsáveis, o que leva a obterem essas informações com amigas/xs/os, que talvez pensem ser mais experientes, e/ou na internet, sendo que essas informações podem ser inverídicas, resultando em informações errôneas e, muitas vezes, preconceituosas.

Dos discursos sobre Educação Sexual em Artigos Científicos

No primeiro momento, foi pesquisado no site Periódicos Capes o termo "Educação Sexual", obtendo-se 3.897 artigos científicos. Em seguida, refinou-se a busca pelo ano de publicação, de 2018 a 2022, o que resultou em 1.797 trabalhos. Acrescentou-se o termo "Ensino", reduzindo o número de trabalhos para 852. Depois, adicionou-se o conceito de "Currículo", obtendo-se 105 publicações. Para finalizar a pesquisa, inseriu-se o conceito de "Práticas Pedagógicas", o que reduziu o número para 22 artigos científicos. Assim, foram delimitados, a partir da leitura dos resumos e da coerência com os objetivos da pesquisa, em 06 trabalhos. Segue uma tabela descrevendo-os e, logo em seguida, as reflexões obtidas através da leitura.

Quadro 3 - Artigos Científicos sobre Educação Sexual na escola

Título:	Autores:	Ano:	Revista:
Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente.	Ana Maria Ricci Molina e Welson Barbosa Santos.	2018	RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.
A formação de educadores sexuais na licenciatura em ciências biológicas do IFRO – campus Colorado do Oeste/RO.	Juliana Negrello Rossarolla *et al.*	2018	RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.
"Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico": currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero.	Roney Polato de Castro e Neilton dos Reis.	2019	Ensino Em Re-Vista.
Projeto Vale Sonhar como instrumento de educação sexual nas escolas públicas de São Paulo.	Patrícia Vieira Antoniassi e Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda.	2020	Revista Eletrônica de Educação.
Narrativas docentes de educação sexual em perspectivas geracionais.	Luisa Machado; Nathany Pacheco Sousa e Sandra Lucia Escovedo Selles.	2021	Associação Brasileira de Ensino de Biologia – SBEnBio.

(cc) BY-NC-SA

Educação de jovens e adultos, currículo e diversidade sexual e de gênero: tecendo reflexões.	Pedro Paulo Souza Rios.	2022	Revista Tempos e espaços em educação.

Elaboração: Do autor, 2023. **Fonte:** Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html\>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

O artigo escrito por Ana Maria Molina e Welson Santos (2018) teve como objetivo discutir o currículo escolar, a Educação Sexual e o vínculo entre esses temas, tomando como questão norteadora: "[...] existe um currículo escolar para a Educação Sexual?" (Molina; Santos, 2018, p. 1151). A autora e o autor compreendem que, por motivos históricos, esses diálogos e trabalhos são de responsabilidade das disciplinas de Ciências, no Ensino Fundamental, e Biologia, no Ensino Médio, mas são limitados às questões biológicas e às IST, o que reforça o que foi apresentado anteriormente.

É perceptível que o currículo escolar traz a heteronormatividade engessada em seu documento, o que dificulta diálogos que poderiam proporcionar reflexões sobre gêneros e sexualidades. Entendem que esse documento busca idealizar um tipo de sujeito ideal para a sociedade, sendo heterossexual, e aquelas/xs/es que fogem dessa norma são considerados impróprias/xs/os (Molina; Santos, 2018). Outro ponto importante a destacar são as atitudes que as/xs/os docentes devem ter ao trabalhar com essa temática, considerando que, se forem reguladoras/xs/es, irão reprimir e prejudicar o desenvolvimento saudável da sexualidade das/xs/os alunas/xs/os. Silva (2004) apud Molina e Santos (2018) entende que a Educação Sexual é uma tarefa árdua.

Este artigo científico contribuiu com a pesquisa do Mestrado em Ensino (PPGEnsino) ao destacar o direcionamento da temática de Educação Sexual para as disciplinas de Ciências e Biologia, onde os conteúdos se resumem à ideia do corpo como reprodutor, tendo essa como sua única finalidade. Na escola, muitas/xs/os docentes se veem na responsabilidade de serem fiscalizadoras/xs/es da moral, ou seja, de determinar como as/xs/os estudantes devem se comportar sexualmente na sociedade. Essa fiscalização é perceptível nos tempos atuais, quando se observa a disposição de brinquedos e até mesmo a escolha das cores das roupas, como se afastar do que é considerado "normal" pudesse ter um impacto negativo.

Juliana Rossarolla, Paulo Silva, João Guilherme Mendonça e Livia Telles (2018) apresentam, no artigo, os resultados obtidos através de uma formação com estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, cujo objetivo era desenvolver minicursos sobre Educação Sexual. Houve estudos sobre as temáticas a serem abordadas,

(cc) BY-NC-SA

planejamento e execução com turmas do primeiro ano do Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Agropecuária.

A análise dos dados ocorreu através de questionários respondidos pelos estudantes que ministraram os minicursos. Observou-se que as/xs/os alunas/xs/os do primeiro ano, que participaram desse momento de estudos e diálogos, apresentaram "[...] um índice bastante restrito de informações acerca da temática abordada, e muitas são as dúvidas e inquietações que esses adolescentes têm" (Rossarolla *et al.*, 2018, p. 175).

Portanto, percebe-se a importância de trabalhar transversalmente a temática de Educação Sexual, não deixando a responsabilidade apenas para as disciplinas de Ciências e Biologia. Abordar esses assuntos em sala de aula é desafiador, como caminhar por uma estrada espinhosa. Dessa forma, quem for trabalhar ou dialogar sobre o tema deve ter bem planejado os conteúdos e a metodologia, estar preparada/dx/do para todo tipo de questionamento por parte das/xs/os estudantes e, principalmente, das mães, pais e/ou responsáveis. Assim, é primordial que uma nova política educacional seja implantada, pensando em práticas pedagógicas voltadas à Educação Sexual na escola, como bem destaca Rossarolla *et al.* (2018, p. 175): "[...] a necessidade de ser discutida uma proposta formal e sistematizada a respeito da Educação Sexual para ser aplicada nas escolas".

Roney Castro e Neilton Reis (2019), em seu artigo intitulado "'Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico': currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero", objetivaram analisar a relação entre educação, diversidade sexual e de gênero no currículo das disciplinas citadas no título do artigo. Para alcançar esse objetivo, os autores desenvolveram uma pesquisa com docentes das disciplinas supracitadas, com um olhar mais atento à temática da não-binaridade.

Dessa forma, Castro e Reis (2019) entenderam que há duas possibilidades de currículos escolares: uma baseada na heteronormatividade, que impõe como padrão a heterossexualidade cisgênero, ou seja, mulheres e homens cis, sem considerar outras sexualidades e gêneros; e "[...] os que desestabilizam conhecimentos e práticas normativas e anunciam outras relações, gêneros e sexualidades" (Castro; Reis, 2019, p. 16). Sabe-se que, em muitos espaços educacionais, o currículo adotado segue o primeiro entendimento dos pesquisadores, pois associam "[...] sexualidades e gêneros a aspectos como reprodução, genética e ciclos hormonais, tratando-os de modo desvinculado de quaisquer contextualizações" (Castro; Reis, 2019, p. 37). Esses temas são importantes para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, mas há uma diversidade de

(cc) BY-NC-SA

outros temas que fortalecem esse crescimento, como foi bem apontado pela Unesco (2014).

Patrícia Antoniassi e Meiri Miranda (2020), em seu artigo sobre o Projeto Vale Sonhar, desenvolvido no Estado de São Paulo, discutem a inserção de conteúdos na disciplina de Biologia sobre a temática de Educação Sexual. As autoras objetivaram "[...] analisar a contribuição deste material para a prática de Educação Sexual Emancipatória na Educação Básica, a partir da realização das oficinas do kit educativo, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, durante as aulas de Biologia" (Antoniassi; Miranda, 2020, p. 01).

Mas, afinal, por que ocorre esse direcionamento da Educação Sexual para a disciplina de Biologia? O trabalho transdisciplinar dessas temáticas teria mais efeito na vida das/xs/os estudantes, pois a carga horária seria maior, considerando o tempo reduzido da disciplina.

As pesquisadoras observaram "[...] a ausência de menção às Infecções Sexualmente Transmissíveis" (Antoniassi; Miranda, 2020, p. 01), sendo esse assunto importante para as/xs/os estudantes. Dessa forma, por perceberem certas fragilidades, as pesquisadoras sugeriram "[...] algumas alterações nas oficinas, buscando trabalhar, além da prevenção da gravidez, temas que não eram abordados neste material, como a elaboração do projeto de vida, a prevenção de IST, diversidade e violência sexual" (Antoniassi; Miranda, 2020, p. 01). Entende-se, portanto, a preocupação das pesquisadoras na abordagem sobre gêneros e sexualidades, sem restringir a Educação Sexual ao viés biológico, mas abordando a pluralidade de corpos, identidades, gêneros e sexualidades existentes em nossa sociedade.

Luisa Machado, Nathany Sousa e Sandra Selles (2021) buscaram verificar, através do relato oral de oito docentes, as transformações da Educação Sexual nas rotinas pedagógicas entre o período de 1980 a 2010. Para essa análise, as/xs/os participantes foram docentes das disciplinas de Ciências e Biologia, "[...] de quatro gerações definidas pelo início das suas atividades profissionais" (Machado; Sousa; Selles, 2021, p. 192). Dessa forma, buscaram entender as percepções das/xs/os professoras/xs/es sobre a temática da pesquisa.

Assim, compreenderam que "as práticas de educação sexual relatadas integram os saberes experienciais dos/as docentes em contextos sociais e pedagógicos, atravessados pela mescla de finalidades educacionais e condicionantes temporais" (Machado; Sousa; Selles, 2021, p. 192). Dessa forma, as pesquisadoras concluíram que as narrativas "[...]

(cc) BY-NC-SA

sugerem possibilidades de trabalhar a educação sexual, sensíveis aos riscos que a população estudantil corre em função da violência sexual e dos preconceitos de gênero que a excluem socialmente" (Machado; Sousa; Selles, 2021, p. 192). Portanto, uma Educação Sexual deve ter um olhar direto para as múltiplas realidades que as/xs/os alunas/xs/os podem vivenciar em seu cotidiano.

É importante destacar esses riscos, especialmente para aquelas/xs/es que pertencem à comunidade LGBTQIA+, considerando que, no ano de 2022, foram registradas 256 mortes de pessoas pertencentes a esse grupo. E o que ocasiona essas mortes? Infelizmente, a homofobia, transfobia e, em alguns casos, o suicídio. O Grupo Gay da Bahia aponta que foram "[...] 242 homicídios e 14 suicídios no ano passado" (Cleide Carvalho, 2023)[5]. E como podemos transformar essa realidade? Um passo importante é a Educação Sexual na escola, pois as/xs/os participantes compreenderão a diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade e a necessidade de um convívio harmonioso e que tem como princípio o respeito entre as pessoas.

Pedro Rios (2022) teve como objetivo refletir sobre o currículo e as questões de gêneros e sexualidades na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, utilizou como método de coleta de dados as narrativas (auto)biográficas. Para desenvolver essa pesquisa, o autor buscou, junto ao Núcleo Territorial de Educação (NTE), os municípios e as instituições de ensino que ofertam a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em seguida, entrou em contato com a direção escolar de três instituições, a fim de identificar estudantes que se declarassem pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Dezesseis estudantes se declararam pertencentes a esse grupo, mas apenas três aceitaram participar da pesquisa.

É perceptível que o currículo da EJA deveria ser focado nas "[...] diferentes realidades sociais, históricas e subjetivas dos sujeitos, pensando o currículo em sua complexidade" (Rios, 2022, p. 6). Porém, essa não é a realidade de muitas escolas. O foco, muitas vezes, está no conteúdo disciplinar, sem relação com a realidade social da escola. Esse fato é percebido na (auto)biografia de Jurema (transexual):

> As disciplinas, como o nome já diz, estavam pensando nisso [...], servem literalmente para disciplinar. A gente escuta o tempo todo: "não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, se comporte, aqui é uma escola". Os assuntos

[5] CARVALHO, Cleide. Brasil registrou 256 mortes violentas de LGBT+ em 2022, mostra Grupo Gay da Bahia: Nordeste é a região mais inóspita, com 111 casos no ano passado. **O globo.** 19 de jan. de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-registrou-256-mortes-violentas-de-lgbt-em-2022-mostra-grupo-gay-da-bahia.ghtml>. Acessado em 15 de mar. de 2023.

(cc) BY-NC-SA

> trabalhados não dão espaço para a gente falar sobre quem a gente é, o que a gente busca (Rios, 2022, p. 6-7).

Esse silenciamento é o que provoca a evasão dessas/xs/es estudantes da escola, e é isso que deve ser considerado para o futuro educacional: um currículo que aborde todos os assuntos necessários para que as/xs/os alunas/xs/os se tornem críticas/xs/os da realidade em que estão inseridos e protagonistas em seu desenvolvimento educacional. Essa reflexão é confirmada, pois Rios (2022) afirma que "[...] se faz necessário pensar em propostas pedagógicas efetivas que deem respostas educativas, por entendermos que a escola, enquanto instituição social, deve ser compreendida como um espaço das diferenças" (Rios, 2022, p. 9).

Considerações Finais

Ao analisar as produções acadêmicas entre 2018 e 2022, percebe-se que o termo "Educação Sexual" ainda é amplamente utilizado nas pesquisas acadêmicas. No entanto, ao longo do processo de elaboração deste estudo, surgiram reflexões que apontam para um desgaste conceitual desse termo, historicamente vinculado a uma abordagem pautada em bases biologizantes, higienistas, moralistas e, por vezes, religiosas (Xavier Filha, 2017 – Gava; Villela, 2016). Como destacam Gava e Villela (2016), a Educação Sexual tradicional frequentemente se alinha a perspectivas normativas e excludentes, desconsiderando a complexidade e a pluralidade da sexualidade humana. As autoras compreendem ser necessário repensar o uso do termo, propondo uma abordagem mais ampla e emancipatória, que aborde a sexualidade para além do aspecto reprodutivo, incluindo dimensões sociais, culturais e econômicas, e respeitando identidades, corpos e individualidades diversas.

Nessa mesma direção, Xavier Filha (2017), ao empregar o termo "Educação para a Sexualidade", também critica a limitação das abordagens centradas na biologia e na moral religiosa. Embora o termo utilizado por essa autora não seja exatamente o mesmo adotado neste trabalho, há uma convergência de pensamento: ambas as abordagens apontam para a necessidade de uma educação mais crítica, plural e inclusiva. Nesse sentido, o uso do termo "Educação em Sexualidade", conforme defendido por Gava e Villela (2016) e adotado por organismos internacionais como a UNESCO (2014), amplia o horizonte da discussão ao compreender a sexualidade como uma dimensão constitutiva do ser humano, presente em todos os espaços de socialização.

(cc) BY-NC-SA

Dessa forma, embora inicialmente tenha-se pensado em utilizar o termo "Educação Sexual" – inclusive adotado como critério de busca para a seleção das dissertações, teses e artigos científicos por se tratar da terminologia mais recorrente nas produções acadêmicas nacionais – a opção pelo termo "Educação em Sexualidade" foi resultado de novas leituras realizadas ao longo do percurso investigativo. Leituras essas supracitadas, que contribuíram para a compreensão de que a Educação em Sexualidade representa uma proposta mais condizente com uma perspectiva inclusiva e crítica.

Além disso, vale destacar as considerações de Maia e Ribeiro (2011, p. 77), que compreendem que, mesmo havendo a troca terminológica, se "[...] a ideologia dominante for normatizadora, a prática neste campo também o será". Assim, mais do que alterar a nomenclatura, é preciso ressignificar a prática educativa, de modo a levar as pessoas a perceberem sua importância na vida de crianças e adolescentes que se encontram à margem do acesso à informação sobre seus corpos, os tipos de violência a que podem ser submetidas/xs/os, os canais de denúncia, entre outros aspectos fundamentais abordados pela Educação (em) Sexual(idade).

A utilização dos parênteses aqui busca demonstrar que tanto a Educação Sexual quanto a Educação em Sexualidade partem do princípio de um "[...] processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento". Todavia, considerando o percurso investigativo trilhado no Mestrado em Ensino (2023–2025), optou-se pela terminologia "Educação em Sexualidade", por ser essa a utilizada nas proposições da UNESCO (2014), que fundamentam esta pesquisa.

Por compreender o papel central das instituições de ensino na mediação dessas discussões, adotou-se o termo "Educação em Sexualidade" ao longo da pesquisa de Mestrado. Esse posicionamento também está em consonância com a reflexão de Louro (2013), ao afirmar que a sexualidade – incluindo a heteronormatividade compulsória – não é produzida apenas por discursos verbais, mas também por gestos, atitudes e documentos. Para a autora, é preciso superar o currículo normativo heterossexual e pensar em uma escolarização que abarque identidades, gêneros e sexualidades de forma ampla e crítica.

Assim, ao repensar o currículo educacional e a forma como a sexualidade é abordada nas escolas, justifica-se a escolha pelo termo "Educação em Sexualidade" como base para a problematização proposta nesta pesquisa. Estudar, como nos ensinou Paulo Freire, é um processo contínuo de caminhar. Caminhar entre discursos, conceitos e

(cc) BY-NC-SA

vivências para que possamos construir um futuro no qual todas as pessoas sejam respeitadas, em seus corpos, identidades, individualidades, gêneros e sexualidades.

Referências

ANTONIASSI, Patrícia Vieira; MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel de Campos. Projeto Vale Sonhar como instrumento de educação sexual nas escolas públicas de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14,1-19, e3801101, jan./dez. 2020. ISSN 1982-7199. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3801/1047>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CASTRO, R. P. de; REIS, N. dos. (2019). "Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico": currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia - MG, v.26, nº 1, p.16-39, jan./abr. 2019. ISSN: 1983-1730. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48426/25883>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KJYWKvFypgHjzbMtm4MvwDv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, 7-10 mar. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/329/259>. Acesso em: 19 jul. 2023.

COSTA, Evelize Bordinhão. **Web seminários sobre educação sexual como proposta pedagógica para a formação inicial e continuada de professores.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Ponta Grossa: 2021. p. 156. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/26283/2/educacaosexualformacaoprofessores.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis– RJ: Vozes, 2013. p. 67-82.

GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. Educação em Sexualidade: desafios politicos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. ISSN 1984-6487 / n. 24 - dic. / dez. / dec. 2016 - pp.157-171. DOI: < https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.24.07.a>. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/sess/a/B48F6W667b4w6tQZhHHy3Yn/?lang=pt>. Acesso em: 13 mai. 2025.

IMANI, Blair. Leia isso e aprenda: sobre raça, classe, gênero, deficiência e muito mais. Traduzido por Luiza Thomaz. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023.

LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 77, p. 70-87, dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i77p70-87. Disponível em:

(cc) BY-NC-SA

<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/178743/165363>. Acesso em: 06 ago. 2023.
LOURO, Guacira Lopes. Curriculo, gênero e sexualidade– O "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis– RJ: Vozes, 2013. p. 43-53.
MACHADO, Luisa; SOUSA, Nathany Pacheco; SELLES, Sandra Lucia Escovedo. Narrativas docentes de educação sexual em perspectivas geracionais. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, vol. 14, n. 1, p. 192-212, 2021. ISSN: 1982-1867. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/535/195>. Acesso em: 28 fev. 2023.
MOLINA, Ana Maria Ricci; SANTOS, Welson Barbosa. Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 1149-1163, jul./set., 2018. E-ISSN: 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9530/7524>. Acesso em: 28 fev. 2023.
OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. Gênero e sexualidade: um curso online que invadiu territórios e contribuiu para a construção de discursos a favor da diversidade. In: OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. **Gênero, sexualidades e diferenças**: categorias de análise, (des)territórios de disputas. Maringá: Eduem, 2019.
PEINADO, Giovanna Lopes Rey. **Educação sexual na formação docente em ciências biológicas**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas – SP, 2020. p. 187. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1157955>. Acesso em: 17 mar. 2023.
RESSEL, Lúcia Beatriz; *et al*. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/nzznnfzrCVv9FGXhwnGPQ7S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2024.
MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal RIBEIRO. Educação Sexual: princípios para ação. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v.15, n.1, p.75-84, 2011.
RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Apresentação– A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, Amanda Oliveira; PEREIRA, Graziela Raupp; REIS, Maria Amelia de Souza (Orgas). **Formação docente em gênero e sexualidade:** entrelaçando teorias, políticas e práticas. 1. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.
RIOS, Pedro Paulo Souza. Educação de jovens e adultos, currículo e diversidade sexual e de gênero: tecendo reflexões. **Revista Tempos e espaços em educação**, v. 15, n. 34, e17559. 2022. ISSN 2358-1425. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/17559/13062>. Acesso em: 28 fev. 2023.
ROSSAROLLA; Juliana Negrello; SILVA, Paulo Severino; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; TELLES, Lívia Catarina Matoso dos Santos. A formação de educadores sexuais na licenciatura em ciências biológicas do IFRO – campus Colorado do Oeste/RO. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 175-189, jan./mar., 2018. ISSN: 1982-5587. Disponível em:

(cc) BY-NC-SA

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11153/7153>. Acesso em: 28 fev. 2023.
SANTOS, Thais Emilia De Campos Dos; JUNIOR, Sara Wagner Pimenta Gonçalves; MARTINS, Raul Aragão. **Intersexo: entre a educação e o direito de ser**. Anais IV DESFAZENDO GÊNERO... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64145>. Acesso em: 09 set. 2023
SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. O pensamento conservador e sua relação com práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade. **Revista Teias**, [S.l.], v. 17, n. 47, p. 141- 154, ago. 2016. ISSN 1982-0305. DOI: https://doi.org/10.12957/teias.2016.24767. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24767/19208>. Acesso em: 24 fev. 2023.
SILVA, Luciane Olegario da. **Gênero e sexualidade como dimensões da formação humana na Escola Estadual do Campo José Martí, Assentamento Oito de Abril Jardim Alegre – PR.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. p. 224. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/64170/R%20-%20D%20%20LUCIANE%20OLEGARIO%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowe=y>. Acesso em: 27 fev. 2023.
SILVA, Tayse de Souto. **Abordagem da sexualidade no ensino de biologia: interfaces entre relações de gênero e literatura.** Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande – PB: 2019. p. 333. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3593>. Acesso em: 27 fev. 2023.
SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019. DOI: 10.1590/0104-4060.61432. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 mai. 2023.
SOUZA, Elaine de Jesus. **Educação sexual "além do biológico"**: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: 2018. p. 209. Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/181806/001075816.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 março 2023.
UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>. Acesso em: de jul. 2023.
VICENTE, Luciane da Silva. **A educação sexual nos documentos curriculares e na perspectiva de professores do ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho (UNINOVE). São Paulo: 2021. p. 348. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2474/2/Luciane%20da%20Silva%20Vicente.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.
XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira? **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 16-39, Jul./Dez. 2017. DOI: 10. 14295/de.v5i2.7865. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7865/5114>. Acesso em: 01 dez. 2023.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.

(cc) BY-NC-SA